

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A JUSTIÇA NO CINEMA – OS SINUOSOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO
CRIMINAL
14 de Junho de 2023

10e CHAMBRE – INSTANTS D’AUDIENCES / 2004

um filme de Raymond Depardon

Realização e Argumento: Raymond Depardon / Fotografia: Justine Bourgade, Raymond Depardon e Fabienne Octobre / Montagem: Simon Jacquet, Lucile Sautarel / Som: Claudine Nougaret, Sophie Chiabaut.

Produção: Palmeraie et Désert em co-produção com France 2 Cinéma (França, 2004) / Produtor: Claudine Nougaret / Direcção de Produção: Claude Morice, Adrien Roche, Jean-Jacques Ortolland / Cópia: em digital (original em 35mm), cor, versão original com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Primeira apresentação pública: Festival de Cannes, Maio 2004 / Estreia comercial: 2 de Junho de 2004, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Sessão apresentada e seguida de comentário por Álvaro Laborinho Lúcio

Sobre Raymond Depardon, Serge Daney escreveu em 1985 umas esclarecedoras linhas, que são uma excelente introdução ao filme de hoje, ajudando a sua contextualização: “Raymond Depardon é, para já, o homem de um milagre. É talvez o único fotógrafo cuja passagem para o cinema foi um êxito. As relações sempre foram estranhas, pouco claras, entre a imagem fixa e as imagens em movimento. Como se houvesse uma incompatibilidade. Foi então que, há alguns anos, Raymond Depardon, fotógrafo célebre, atravessou esta fronteira e alcançou de imediato a distância certa entre a fotografia e o cinema. **A sua inteligência consistiu, para começar, em filmar o contrário daquilo que fotografava. Ele fotografava indivíduos e filmará instituições, que surgirão no ecrã como grandes coros agitados por micromovimentos, entre a mentira estrutural e o detalhe sincero. Resultado: um choque para a percepção que temos da nossa própria sociedade, que nos faz entrever novos mundos.** Fim definitivo das ilusões da fotografia e do cinema militantes. **Sobre estas ruínas, Depardon arrisca uma comédia humana.**” (cf. catálogo que acompanhou a retrospectiva Raymond Depardon que decorreu na Cinemateca em 1999).

Estas linhas acompanharam a estreia de **Les Années Décliv** (1985), uma obra marcadamente autobiográfica de Depardon sobre o seu passado enquanto fotógrafo, Para trás tinha deixado uma prolífica carreira como excelente fotógrafo, mas também

fundador da agência Gamma, que a dada altura deixou para integrar a Magnum, realizando ainda em 1969 o seu primeiro filme. Se Depardon se destacou no documentário, não deixará de lado a ficção. Entre os seus primeiros filmes, há vários rodados em África, e em concreto no deserto, testemunho da sua condição de viajante incessante, e da especificidade do seu trabalho. Entre as instituições a que votará o seu atento olhar de cineasta encontraremos um hospital psiquiátrico veneziano (**San Clemente**, 1980), que já havia retratado fotograficamente, as urgências de um hospital parisiense (**Urgences**, 1987) ou a polícia (**Faits Divers**, 1983). É em 1994 que se aventura pelos corredores da justiça quando realiza **Délits Flagrants**. Um filme que encontrou inúmeras dificuldades de produção, que em grande parte se prenderam com as autorizações para filmar a justiça, na sequência do qual poderemos dizer que se inscreve este **10e Chambre – Instants D’Audiences**, terminado dez anos depois.

Rodado na 10ª secção do Tribunal Correccional de Paris, o filme que hoje exibimos corresponde assim à segunda incursão de Raymond Depardon no universo judiciário, revelando-nos o quotidiano da justiça. Entre Maio e Julho de 2003 obteve autorização para filmar no interior do tribunal, sujeitando-se tal autorização à anuência dos filmados, bem como à necessidade de filmar (ou montar) apenas instantes de tais audiências, facto que significativamente transportou para o título. Depardon partiu de várias dezenas de casos que registou, escolhendo agora doze de entre eles para mostrar na montagem final.

O procedimento e a forma de ambos os filmes são idênticos, mas a sua realidade é um pouco diferente. Aqui, os casos filmados aproximam-se dos do primeiro filme, já que se trata de audiências com casos simples de direito penal, grande parte dos quais associados a pequenos delitos, que se sucedem às dezenas por dia, longe dos grandes julgamentos mediáticos: casos de condução sob o efeito de álcool, de imigração ilegal, tráfico de droga, insultos, pequenos furtos, mas também de violência conjugal. Doze casos que correspondem a instantes de doze histórias de vida de homens e mulheres comuns. Mantém-se também uma das “protagonistas” do primeiro filme, Michèle Bernard-Requin, aqui com mais dez anos e vice-presidente da 10ª secção, que presidiu às audiências filmadas. Mas se no seu filme anterior, Depardon se detinha na fase de instrução prévia a audiências idênticas, aqui assistimos às audiências e ao seu consequente desfecho, com a leitura das respectivas sentenças, elemento nitidamente em falta no primeiro filme, embora não se afigurasse como fundamental.

Num mesmo registo observacional, Raymond Depardon recorre ao dispositivo do campo-contracampo para captar os testemunhos dos arguidos e a intervenção da juíza, bem como dos advogados, procuradores, testemunhas, vítimas, etc, numa atenção extrema às expressões de cada um, sempre isolado no seu plano, mas também à palavra e ao modo como o discurso se desenvolve. Este é aliás um dos elementos fundamental do cinema de Depardon e que está na origem dos “micromovimentos” acima descritos por Daney. Trata-se, pois, de um cinema da palavra, em contraste com o silêncio da fotografia, em que os vários intervenientes não cessam de dialogar, negociar, discutir, tornando-se a argumentação um dos elementos centrais de um filme que se desenvolve num cenário eminentemente teatral. Tal é particularmente explícito no caso do arguido-sociólogo que resolve assumir a sua própria defesa no sentido de questionar o sistema,

causando clara exasperação à juíza. O cineasta regista (e revela) os mais ínfimos movimentos na sala de audiências, do revirar de olhos da juíza face a um advogado manifestamente menos dotado, aos trejeitos dos julgados, sem clemência ou concessões. Mas o olhar de Depardon é também sagaz no modo como traduz a imensa acumulação de processos e a sua sucessão vertiginosa a uma escala inumana. Basta atentarmos aos momentos em que se detém sobre a pilha de processos em cima da mesa da juíza, ou como neste filme introduz uma maior precisão temporal ao referir o dia e a hora de cada das audiências filmadas.

Com **10e Chambre – Instants D’Audiences** estamos assim perante testemunho poderoso sobre o funcionamento da máquina judiciária francesa, mas também face a um estudo sobre a natureza humana. Um filme que aponta as fraquezas da instituição que documenta no que respeita à resolução real dos problemas de fundo de alguns dos arguidos – o caso mais flagrante é o do jovem migrante sem papéis, que vive numa chamada zona cinzenta, à qual não parece conseguir ainda escapar – , mas também para as suas qualidades e para a generosidade de vários dos intervenientes, entre os quais Michèle Bernard-Requin, a grande protagonista do filme que numa entrevista posterior à sua estreia afirmou: “Procuro a verdade de cada um...”. É essa mesma procura da verdade que anima todo o cinema de Depardon, a quem manifestamente não interessava mostrar apenas um determinado tipo de criminalidade, mas uma “verdade” mais universal.

Joana Ascensão